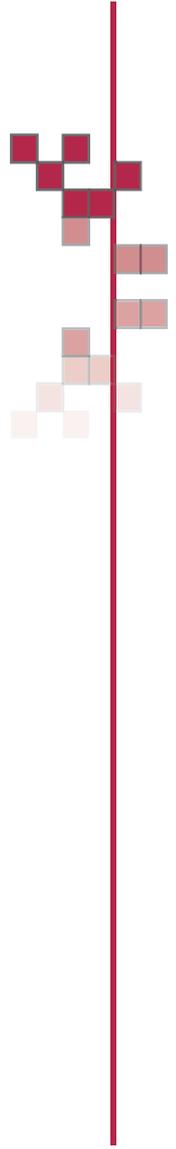


# Intérpretes e notáveis da literatura e da cultura popular do Maranhão

Interpreters and notables from Maranhão's literature and popular culture



Igor Gastal Grill<sup>1</sup>  
igorgrill@terra.com.br

Eliana Tavares dos Reis<sup>1</sup>  
eliana1reis@terra.com.br

## Resumo

*Propomos neste artigo refletir sobre o trabalho de construção de "panteões" e as práticas de eternização de "vultos" examinando duas publicações que se configuram em "galerias de notáveis". Analisamos Perfis Acadêmicos e Perfis de Cultura Popular, ponderando sobre: (i) a posição social e política dos agentes (biógrafos e biografados), definida em função dos recursos sobre os quais assentam sua "reputação" e de inscrições nas lutas culturais e políticas; (ii) as estratégias de estruturação das obras, observando a seleção e a hierarquização dos casos, o espaço disponibilizado, as classificações atribuídas, entre outras; (iii) e os conteúdos, as adjetivações, as definições, enfim, as representações explicitadas nos pré-textos e textos laudatórios. Com isso, podemos apreender os condicionantes de afirmação, as lógicas de atuação e os mecanismos de consagração mobilizados por agentes que se constituem como porta-vozes autorizados, bem como as múltiplas tramas de notabilização de "intérpretes" da cultura e da memória regional no e do Maranhão.*

**Palavras-chave:** cultura, intérpretes, panteão.

## Abstract

*This article proposes a reflection about the work of construction of "pantheons" and the practices of eternalization of "figures" through the examination of two publications that are configured in "notable galleries". We analyzed Academic Profiles and Popular Culture Profiles taking into consideration: (i) the social and political position of the agents (biographers and biographers), defined by the resources on which their "reputation" and their inscriptions are based on cultural and political struggles; (ii) the structuring strategies of the works, observing the selection and hierarchization of the cases, available space, assigned classifications, among others; (iii) and the contents, adjectives, definitions, finally, the representations explained in the pre-texts and laudatory texts. Thereby, the conditioning factors of affirmation, the logics of action and mechanisms of consecration mobilized by agents who constitute as authorized spokespersons are learned, as well as the multiple patterns of notabilization of "interpreters" of the culture and the regional memory in and of Maranhão.*

**Keywords:** culture, interpreters, pantheon.

<sup>1</sup> Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq).  
Universidade Federal do Maranhão. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Avenida dos Portugueses, 1966, Campus do Bacanga, 65080-805, São Luís, Maranhão, Brasil.

No que pese as aceleradas transformações societais, que interferem nas práticas e nos meios legítimos de afirmação de produtos e produtores culturais, algumas instâncias voltadas ao culto da "região", como as Academias de Letras, Institutos Históricos e Geográficos e as Comissões de Folclore, mantêm um trabalho ativo de seleção e canonização de "ícones" por intermédio de publicações laudatórias. Produções essas que portam igualmente vestígios da capacidade dessas instituições amoldarem-se de modo a receber (e por conta desta recepção) novos perfis e linguagens. Dessa forma, o trabalho de memória e de construção de identidades regionais é, a um só golpe, tributário e incitador de investimentos na perenização de "vultos" que sintetizariam atributos e valores compatíveis com certas representações legítimas do mundo social, em geral, e do domínio cultural, em particular, que estão, por sua vez, em constante adaptação e são incessantemente objetos de luta.

Assim, apresentamos neste artigo uma reflexão sobre os mecanismos de objetivação de personagens, que contemplam a mobilização de instrumentos de eternização e lógicas de aferição de estima social em espaços consentâneos de consagração. Neste sentido, tomamos, como *corpus* privilegiado de investigação, livros que se constituem em instâncias de atribuição de transcendentalidade e de legitimidade a determinados agentes. Eles são assinados por produtores e intérpretes autorizados da "cultura" no e do Maranhão, e visam declaradamente aclamar "personalidades" igualmente reconhecidas, configurando-se, portanto, em galerias de notáveis<sup>2</sup>.

Inseparavelmente objeto e fonte de pesquisa, *Perfis Acadêmicos*, de Jomar Moraes (2014), e *Perfis de Cultura Popular*, organizado por Mundicarmo Ferretti e Zelinda Lima (2015), reúnem biografias (trazem rico material hagiográfico) e explicitam definições (coincidentes ou concorrentes) sobre o que é ou deveria ser a "cultura maranhense". Assim, a partir deles é possível buscar pistas sobre princípios de classificação mais gerais, bases de identificação entre autores e homenageados, e ainda estratégias de (auto) enobrecimento daqueles que, dizendo qual é o "panteão", colocam-se na posição de compiladores dos porta-vozes. Com efeito, procuramos examinar as estratégias de celebração de notáveis, as condições de

produção desses lugares, os predicados sociais tidos como extraordinários, bem como as categorizações e justificações levadas a cabo por intérpretes autorizados da "memória regional".

Nossos esforços analíticos podem, pois, ser sintetizados em dois eixos.

O primeiro é de situar a posição social e política dos agentes (biógrafos e biografados), definidas em função dos recursos sobre os quais assentam sua reputação (origem social, reconhecimento profissional, cargos políticos, títulos, pertencimentos a instâncias de glorificação intelectual) e seus movimentos/alinhamentos nas lutas em torno de causas culturais e políticas na configuração regional em pauta. Partimos, então, da análise das propriedades sociais dos autores e das "celebridades" selecionadas, utilizando principalmente os próprios perfis publicados<sup>3</sup>. Com esses dados, procuramos verificar os trunfos que garantem a determinados agentes o papel especializado de consagração; os critérios de excelência que legitimam o pertencimento às posições dominantes nos âmbitos da "cultura"; e as redes de relações que aproximam ou afastam os membros dos círculos seletos de agentes recrutados.

As informações disponibilizadas, além de revelar atributos estimados, também possibilitaram a organização de quadros prosopográficos com dados sobre os ascendentes, trajetórias escolares, carreiras profissionais, publicações, cargos administrativos (em universidades e nas burocracias de governos), cargos eletivos, engajamentos diversos<sup>4</sup>.

E o segundo eixo diz respeito ao tratamento dos livros enquanto construções de "panteões" e *lugares de memória*<sup>5</sup>. As estratégias de apresentação e hierarquização dos casos, o espaço disponibilizado, os aspectos selecionados, as adjetivações mobilizadas, as problemáticas pontuadas, etc., informam concepções de "cultura", de "sociedade" e de "política" fixadas e acionadas por profissionais da manipulação de bens simbólicos. Nesse procedimento, ganha ênfase o conjunto de indicações sobre conteúdos e modalidades de etiquetas (classificações) presentes nos prefácios, nas apresentações, nas capas, nas contracapas, nas orelhas, etc., uma vez que fazem emergir identificações sociais, pessoais, ideológicas e geracionais entre autores, apresentadores, comentaristas e "ícones"<sup>6</sup>.

<sup>2</sup> Sobre a geração de vultos e heróis em instituições de consagração de elites e a certificação de notabilidades (atributos personalizados), ver Coradini (1998).

<sup>3</sup> Importante inspiração para operacionalização da pesquisa foi o trabalho de Collovald (1988). Segundo ela, as "marcas simbólicas", as identidades a partir das quais os agentes se distinguem dos demais que competem em um mesmo espaço de luta/identificação, são resultantes das transações mediante as quais são articuladas as estratégias de apresentação de si empregadas com as regras específicas das instâncias nas quais são apresentadas. Elas dependem das relações e lógicas estabelecidas no interior de cada um desses lugares de fabricação de identidades públicas.

<sup>4</sup> O princípio da prosopografia é "definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico, no qual as variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social" (Charle, 2006, p. 41), possibilitando, assim, a apreensão de uma configuração tanto em seu caráter processual quanto relacional. Por esse intermédio, com a prosopografia comparada, é possível "apreender, através das biografias coletivas, o funcionamento social real das instituições ou dos meios onde agem os indivíduos estudados" (Charle, 2006, p. 48).

<sup>5</sup> Como define Nora (1993, p. 9), os *lugares de memória* ocupam uma posição de intersecção entre a memória (vívida, espontânea, prática, não racionalizada) e a história (que é justamente a racionalização, a objetivação, e, portanto, o enquadramento da memória). Entre os muitos exemplos dados pelo autor, encontram-se os livros que, como os demais, apresentam três dimensões que definem esses lugares: material, simbólica e funcional (p. 21-22).

<sup>6</sup> Castro Faria (2002) e Garcia Jr. (2014), apoiados nas assertivas de Foucault (2000), demonstraram com esmero a relevância desses expedientes para romper com os obstáculos que se interpõem aos analistas que tomam "livros", "obras" e "autores" como unidades imediatas, certas e homogêneas.

Do mesmo modo, podemos considerar o trabalho de produção da "região" como *artefato* ou *ficção*, seguindo o enfoque proposto por Pierre Bourdieu (1989). Quer dizer, como representação que se apoia indistintamente na legitimidade dos conhecimentos de eruditos e nos reconhecimentos do senso comum partilhado entre leigos e especialistas. Em via dupla, os processos de fabricação dos "panteões" revelam circuitos de agentes que acionam discursos performativos sobre a "região" e que, sob a aparência de descrever, prescrevem quem pode ser investido em uma posição de excelência na sua história. Sem perder de vista os valores compartilhados (representações, crenças, mitologias), que condicionam o exercício de interpretação efetuado e que impõem critérios de investidura tanto para recenseados como para recenseadores (Bourdieu, 1989).

Os livros analisados podem ser localizados em um sistema interligado de narrativas sobre o Maranhão que, ao mesmo tempo, ativam aspectos comuns e explicitam escolhas diversas<sup>7</sup>. Portanto, trazem à tona lógicas de concorrência pela afirmação de elementos próprios à "memória regional", travada entre os "construtores" das "galerias de notáveis". Desse modo, permitem tratar, em uma mesma agenda de pesquisa, elementos frigorificados na memória coletiva e lutas tramadas nos posicionamentos sobre o passado. Além disso, cumpre ressaltar que o "raio de ação" dessas produções hagiográficas se estende progressivamente através de uma infinidade de discursos referentes ao estado<sup>8</sup>, elaborados por outros autores (pesquisadores) que exaltam essas referências como "fontes obrigatórias".

Seguindo alguns eixos propostos por Michael Pollak (2000) acerca das construções de identidades e do enquadramento da memória, buscamos as relações entre contextos de confecção dos livros, formas de produção das narrativas, critérios de justificação presentes nos relatos e disposições (socialização e recursos) dos intérpretes autorizados. Assim procedendo, acredita-se factível incorporar a memória instituída que condiciona as possibilidades de produção de novos discursos sobre o Maranhão, assim como as batalhas que determinados porta-vozes entabulam a partir de conjunturas variadas, propriedades sociais díspares e vínculos distintos no âmbito da "cultura" e da "política".

## **"Perfis Acadêmicos": gestão e interpretação do "legado literário maranhense"**

Na sua quinta edição, *Perfis Acadêmicos* é uma publicação da Academia Maranhense de Letras (AML), lançada original-

mente em 1986. Produzido e assinado por um único biógrafo, o objetivo explicitado do livro é reunir e divulgar os "ícones" das "letras maranhenses", ocupantes das 40 cadeiras da entidade (também denominado membros efetivos) entronizados nesse espaço de enaltecimento literário.

A AML possui um lugar central na configuração da "cultura regional", operando de forma particularmente visível, mediante a consagração de produtores culturais, uma seleção social e política. Seus membros estão presentes em outras instâncias (culturais e políticas) e/ou interligam-se, por laços pessoais ou familiares, com agentes muito bem situados no espaço do poder estadual. Portanto, a publicação dos *Perfis* comporta estratégias discursivas de incensar esse segmento da elite regional, de afirmar seu sentimento de unidade, logo, de delinear os limites do grupo e de inscrever seus componentes na história regional. É o que tentaremos demonstrar mais adiante.

Da primeira edição, que data de 1986, até a última, lançada em 2014, foram atualizados os nomes dos acadêmicos (incorporando estreantes) e complementados dados das biografias daqueles que persistiram no "quadro de titulares" da AML. Justificativas para as sucessivas edições foram dadas pelo organizador do livro em matéria assinada por ele mesmo no jornal *O Estado do Maranhão*<sup>9</sup> e reproduzida no site da Academia:

*[1] por conta das atualizações que precisa incorporar, sob pena de parcialmente não servir aos fins a que se destina, que é prestar informações atualizadas acerca da Academia e, particularmente, acerca de cada um dos 40 membros efetivos que compõem seu quadro de titulares. [...] [2] por sermos imortais que morrem, de tempos em tempos os 'Perfis' exigem reedição, com a finalidade de inserir a imagem, o endereço e os dados biobibliográficos do confrade recém-chegado, graças a quem a Academia se revigora e assegura a continuidade de seu compromisso com a permanência, que é uma das características marcantes dessa modalidade de instituição cultural. [3] os imortais que também morrem, sobretudo vivem e produzem incessantemente, em ritmos diferenciados, como é natural [...]. Perdemos, lamentavelmente, Josué Montello, o acadêmico de mais intensa produção literária, que era capaz de desatualizar, de ano para ano, o registro bibliográfico dos Perfis. Em compensação, muitos companheiros produzem bastante e muito bem, apesar das restrições injustas de conhecidos maledicentes praticantes e deslembados intencionais (Moraes, 2012).*

A partir do extrato acima é possível perceber que o investimento da AML em produzir um "livro em aberto" – pois a cada edição são incorporados "confrades recém-chegados" – visa, em primeiro lugar, "imortalizar" os membros da academia pre-

<sup>7</sup> Segundo Nora (1993) a pretensão de petrificação nunca se realiza na plenitude. Os elementos da memória são frigorificados e sujeitos a descongelamentos, conforme os contextos, os agentes, etc. que os constroem, interpretam, desqualificam, esquecem (temporariamente) ou rememoram, requalificam, e assim por diante.

<sup>8</sup> Como já asseverou Collovald (1988), os princípios de seleção de dados biográficos só têm sentido e significado quando relacionados ao público a quem é destinado. Nesse caso, em especial os novos pretendentes aos lugares de porta-vozes e de membros desses "panteões" da "cultura maranhense".

<sup>9</sup> Veículo pertencente à "família Sarney" desde a década de 1970.

sentes nas edições anteriores e os agregados ao "panteão" nas novas edições; em segundo lugar, vincular "vivos" e "mortos" a um mesmo "grupo de notáveis", por meio das sucessivas edições do livro publicado com o mesmo título; e, em terceiro lugar, de garantir a continuidade/coesão da própria instituição para além dos limites temporais, uma vez que as edições dos livros são veículos de "regressão ao passado", trazendo a "história da AML" e dos "escritores" a ela pertencentes, e de "projeção no futuro", já que a investidura em uma "cadeira" fica registrada, consagrada e objetivada neste(s) *monumento(s)*<sup>10</sup>.

Sendo assim, a renovação do conjunto de escritores celebrados e a gestão da imagem institucional da AML revela a aplicação de mecanismos de gestão da durabilidade que, de modo aparentemente ambivalente, implicam simultaneamente na administração da plasticidade. Sob a aparente "continuidade" da instituição, edificada em marcos objetivos diversos como as edições dos livros, são entretecidas maleabilidades na composição do "grupo" (atualizada), nos perfis retratados dos membros que persistem (redefinidos por transformações biográficas e conjunturais) e na história narrada (adaptada às estratégias e investimentos do próprio organizador).

Finalmente, a missão de engrandecer a "produção" dos acadêmicos, presente na justificativa das reedições, é acompanhada sistematicamente pela vinculação desses aos "ascendentes" mais "ilustres", como pode ser observado na passagem em que é exaltado Josué Montello (ex-reitor da Universidade Federal do Maranhão, autor de dezenas de livros e que fora membro da Academia Brasileira de Letras, entre outras posições conquistadas). É possível perceber como o escritor e sua produção literária, apresentada como excepcional, são incorporados ao patrimônio coletivo (ver o significado de "Perdemos" no trecho). No entanto, a mesma produção literária é utilizada como caso que exemplifica o padrão, quantitativo e qualitativo, de produção dos "acadêmicos" (observar o extrato "companheiros produzem bastante e muito bem"), auxiliando, pois, para a autodefesa grupal das "injustiças", que o autor da matéria julga serem cometidas com os membros da AML e com a "instituição" (atentar para a adjetivação dos críticos como "conhecidos maledicentes praticantes e deslembreados intencionais")<sup>11</sup>.

Neste artigo, optamos por trabalhar somente com a última edição dos "Perfis Acadêmicos", que traz a atual composi-

ção dos "imortais" e informações biográficas mais consistentes (já que foram atualizadas) daqueles que persistiram no quadro de componentes da AML entre uma edição e outra do livro<sup>12</sup>. É importante ressaltar que a população retratada apresenta vários tipos de vínculos com a AML e de sentidos atribuídos a esse pertencimento. São descritos desde perfis de agentes que ingressaram muito cedo nesta instância e se destacaram em outros *domínios* políticos e culturais (ocupando posições de *multinotabilidade* nos planos regionais ou nacionais), exemplificados por Jomar Moraes e José Sarney<sup>13</sup>. Há outros casos, mais frequentes, que chegam mais tardiamente e em decorrência da reputação adquirida (de forma alternada ou simultânea) enquanto políticos (sobretudo ex-parlamentares), profissionais (professores universitários, médicos, advogados, etc.), atuantes em movimentos culturais que agregaram redes de "intelectuais", dirigentes e colaboradores de instâncias da cultura (ex-reitores, membros de outros institutos e academias, etc.) e gestores públicos (novamente ex-reitores, secretários de estado, etc.).

Logo, por meio dos casos expostos nos *Perfis*, contorna-se uma cartografia de amálgamas entre inscrições culturais e políticas, que ligam aqueles que seriam os "notáveis" da cultura e da política no estado. Mas enredando também instituições: Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Secretaria do Estado da Cultura (SECMA); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Maranhão (IPHAN); Sociedade Maranhense de Cultura Superior (SOMACS); Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE); Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM); Academia Maranhense de Ciências (AMC), entre outros. Sem deixar de mencionar o elo que estabelecem entre movimentos culturais que se sucederam no tempo como Centro Cultural Gonçalves Dias, Grupo Ilha, Movelaria Guanabara, Afluente, Movimento Graalista, Amigos de Apolônia, Movimento os Novíssimos Atenienses, Guarnicê, etc. Em geral, esses últimos foram efêmeros, porém atuaram como nucleadores, catalizadores e coaguladores de redes de afinidades sociais, culturais e políticas, além de marcos balizadores de alianças e clivagens relativamente persistentes nos tecidos de posicionamentos que configuraram (sob um olhar estratégico de curto prazo, mas também a partir de ótica retrospectiva e prospectiva) os agentes.

<sup>10</sup> Ao analisar a documentação da Academia Brasileira de Medicina, Coradini (1998, p. 216) ponderou que "os próprios documentos históricos foram produzidos com finalidades hagiográficas ou de construção de monumentos e as instituições [...] propõem uma imagem pré-construída delas mesmas, não somente através das representações que elas oferecem espontaneamente (e em particular o discurso de celebração), mas também através dos dados que elas liberam às vezes expressamente, ou ao contrário, recusam".

<sup>11</sup> Retomando Nora (1993), é importante ressaltar que os panteões são lugares objetivados, mas com sentidos que podem ser variados e transitivos, no tempo, no espaço, para indivíduos ou categorias. Por conseguinte, além da "panteonização gloriosa", pode ocorrer uma "despanteonização" vergonhosa, ilustrando a que ponto a memória, na sua edificação ou detração, é tributária do *equilíbrio instável da balança do poder* (Elias, 1999).

<sup>12</sup> Ainda não foi possível avançar como necessário na comparação entre as edições e realizar a prosopografia do conjunto de casos biografados nas cinco edições.

<sup>13</sup> Temos utilizado a ideia de *domínios* e de *multinotabilidades* para indicar o caráter vulnerável das fronteiras entre lugares de atuação e afirmação, sobretudo política e cultural, que são produto e produtoras de uma multidimensionalidade de lógicas que orientam ações e relações sociais, possibilitando não somente uma maior facilidade de trânsito dos agentes entre eles, como igualmente a ocupação de posições relativamente bem situadas (*multiposicionalidades*) e o acúmulo de múltiplas notabilidades. Para uma discussão mais detalhada, ver Reis e Grill (2016) e Grill e Reis (2016).

Antes de examinar mais sistematicamente os *Perfis*, é interessante analisar o lugar do "acadêmico" responsável pela pesquisa, organização e textos na divisão do trabalho de exaltação coletiva. As três tarefas assumidas por Jomar Moraes, "pesquisar", "organizar" e "escrever sobre os confrades", remetem à execução de encargos institucionais, valorizados pela condição de porta-voz da AML a ele conferida (como seu presidente por um longo período), e ao exercício de atividades menos autorais (com menor legitimidade na hierarquia de produções intelectuais assinadas pelos acadêmicos).

O "perfil" de Jomar Moraes, considerado relacionalmente ao conjunto de "escritores" com assento na AML, auxilia na compreensão da posição dúbia por ele ocupada, simultaneamente como intérprete autorizado da literatura regional e agente dependente tanto de postos permitidos pelas investidas institucionais como de ligações pessoais possibilitadas pela inscrição no meio cultural. Ou seja, sua figura assemelha-se a de um *oblat*, expressão utilizada com frequência por Pierre Bourdieu para caracterizar agentes dependentes de recursos delegados por instituições e despossuídos de meios privados (como capital econômico e cultural) acumulados ao longo da vida e/ou herdados do grupo familiar. Contudo, neste caso, tão decisivo quanto as posições nas instituições, são as inscrições em redes de relações ("grupos" na linguagem autóctone) e a divisão do trabalho intelectual que atravessa os meios e domínios da "cultura" no Maranhão (o que pode ser percebido, inclusive, na comparação entre os perfis que analisamos nas sociografias dos dois universos de agentes contemplados neste texto).

Jomar Moraes nasceu em Guimarães (MA) (1940) e morou em vários outros municípios do interior do estado, até seu pai, Alípio Moraes Filho, se estabelecer em Carutapera. Este último era professor de música, sem ter frequentado cursos formais para tanto, e casou duas vezes, sendo que na segunda com a mãe de Moraes, que era filha de um "mestre de barcos". Jomar teria sido "educado em casa" pelos pais, em um ambiente marcado por gostos legítimos (assinaturas de jornais, revistas, aquisição de discos, e outros). Porém, na adolescência e entrada na fase adulta era desprovido dos títulos escolares formais que poderiam habilitar o acesso a profissões valorizadas social, cultural e economicamente. Chegou a ser policial (soldado, cabo e sargento) e funcionário público nos Correios (estafeta e postalista). Somente concluiu o equivalente ao ensino médio, por meio dos chamados "exames de madureza" (semelhante ao hoje denominado supletivo), com quase 30 anos. No entanto, conseguiu o bacharelado em Direito em 1976, aos 36 anos de idade. Em 1969, enquanto ainda não tinha formação escolar superior (conquistada tardiamente, quando comparada a de seus "confrades"), ingressou na AML, após vencer alguns concursos literários e quando José Sarney ocupava a presidência da entidade. Passou, então, a exercer uma série de cargos públicos (administrativos), facilitados pela rede de amizades e contatos que o pertencimento à AML lhe permitiu<sup>14</sup>.

O rol de cargos é apresentado em sua biografia nos *Perfis Acadêmicos*:

*Diretor do Serviço de Administração da Secretaria de Educação e Cultura - 1970-71; diretor da Biblioteca Pública do Estado - 1971-73; Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Fundação Cultural do Maranhão- 1973-75; diretor do serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado - Sioge - 1975-80; diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Universidade Federal do Maranhão - 1981-85; secretário da Cultura do Estado do Maranhão -1985-87 (Moraes, 2014, p. 52).*

Moraes atuou como advogado da Universidade Federal do Maranhão, entre 1984 a 2006. Teria assumido esse cargo graças ao convite do então reitor e seu amigo desde a década de 1960, José Maria Cabral Marques, com o qual já havia trabalhado na Secretária de Educação na década de 1960 (ocupante da cadeira 38 da AML, eleito em 23/11/2000 e empossado em 06/04/2001, quando Jomar era presidente). Paralelamente à presidência da AML (1984-2006) – sendo o presidente que ocupou por maior período de tempo esse cargo na entidade – exerceu a função de advogado da universidade. Aposentou-se como auditor fiscal do Estado do Maranhão e procurador da UFMA.

Sua vasta produção bibliográfica (com centenas de títulos) foi iniciada com um livro de poesia, de 1963, no entanto o seu gênero principal de escrita são as biografias históricas (individuais e coletivas), bem como o trabalho de "edições de textos, com introduções e notas" (Moraes, 2014, p. 54). "*Perfis Acadêmicos*" acompanha a modalidade de produção escrita na qual Jomar Moraes se especializou, isto é, voltada ao "resgate" da história da literatura regional por meio da aclamação/edificação de "ícones" (instituições e personagens).

Ele faleceu em 2016, quando redigíamos a primeira versão deste trabalho.

Para o exame da 5ª edição do livro, propomos dois momentos principais: o primeiro de identificação dos elementos pré-textuais (capas, orelhas, apresentação e prefácio); e o segundo de apreensão das recorrências de informações presentes nos verbetes biográficos.

Em um primeiro momento, cabe o registro de que primeira e a quarta capas ostentam fotos dos 40 acadêmicos. Sendo que na primeira constam ainda o selo das Edições da AML, o título, obviamente, a menção de tratar-se da 5ª edição e o crédito da "Pesquisa, organização e textos" a Jomar Moraes. Na quarta capa, em relevo, tem a imagem da fachada da sede da entidade, a logomarca da Alummar (Consórcio de Alumínio do Maranhão) como patrocinadora e a barra eletrônica com o ISBN. Nos versos de ambas, há assinaturas de expoentes célebres da literatura regional, como Graça Aranha, Manuel Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Coelho Neto, João Francisco Lisboa, Lago Burnet, Francisco Sotero Reis, entre outros.

As orelhas do livro trazem o texto de apresentação assinado por Moraes. Escrito na primeira pessoa, nele são desta-

<sup>14</sup> Os dados foram coligidos a partir de Reis (2014), Silva (2013) e Moraes (2014).

cadadas as reedições e enfatizada a função do livro de servir "a quem estiver disposto a estudar a história da Academia Maranhense de Letras". Percebe-se o esforço de autovalorização do organizador e do seu trabalho, adjetivado de "exaustivo" e "penoso". Os fatores alegados para essa sobrecarga seriam, por um lado, a "dificuldade em encontrar dados dispersos" e, por outro lado, o "reprovável descaso de alguns confrades que nem sempre atenderam com presteza e exatidão razoáveis aos pedidos de informações [...]. E casos houve até de completo silêncio em face desses pedidos". Tal registro, em tom de queixa, não se sobrepõe, contudo, à auto-cultuação e à afirmação do sentido de "grupo" ou de "clube", que marcam esse tipo de instituição<sup>15</sup>. Moraes grifa que a edição teria sido "gestada na fraternidade que nos congrega e anima em torno de um ideal comum: o culto e o cultivo das grandes e honrosas tradições culturais do Maranhão, chama votiva que jamais se apagará, graças ao vigor do presente e às esperanças do futuro, os quais tem por *numes* nossos avós".

Desse modo, observa-se novamente a dupla face desse agente que demarca o peso de uma tarefa expressa com sentidos de missão: "penosa", "exaustiva", tratada com "descaso", entretanto necessária, em nome de uma instituição da qual se situa, ao mesmo tempo, como porta-voz da memória, gestor das "mais honrosas tradições culturais do Maranhão" e intérprete dos elos entre os chamados "avós", o "presente" e o "futuro".

Um pequeno texto de uma página, intitulado "Dados Gerais sobre a Academia Maranhense de Letras (Casa de Antonio Lobo)", abre a publicação. As informações fornecidas nessa breve caracterização da entidade restringem-se à data de fundação (10 de agosto de 1908), aos nomes dos seus fundadores, a decretos e leis relativos à sua institucionalização e ao endereço da "sede própria". Esses elementos são um pouco mais detalhadamente desenvolvidos no "Prefácio à 5ª Edição", em aproximadamente 07 páginas.

Assim, o prefácio – que sucede o sumário organizado a partir da lista de membros efetivos ordenados mediante os números das respectivas cadeiras, num total de 40 – prioriza a história da AML em detrimento da apresentação do livro, como é esperado nesse momento das publicações. O histórico, por seu turno, está balizado em dois aspectos: a exaltação da tradição literária regional e a atestação de demonstrações do êxito da AML no terreno da constituição de um aparato administrativo provido de meios de gestão e regulamentos.

Jomar Moraes se empenha em localizar a origem da AML, relacionando-a a duas "agregações culturais", que teriam sido fundadas no final século XIX e início do XX: a Oficina dos Novos e a Renascença Literária. Certa continuidade é estabelecida especialmente com a Oficina dos Novos, devido à presença de patronos comuns e membros que se repetem, notadamente reforçada pelo lugar atribuído ao poeta Gonçalves Dias nas duas entidades (Moraes, 2014, p. 8).

O local de fundação da AML, o grupo de fundadores e o primeiro presidente também são mencionados.

Subseqüentemente, o autor traça um cenário inicial negativo – marcado por "pouco entusiasmo" (exemplificado pelo fato da primeira reunião ter ocorrido em 1916) e pela "instabilidade" (ilustrada pela ausência de local fixo para o seu funcionamento) – para caracterizar as primeiras décadas de existência da entidade. Esse quadro, por sua vez, serve de parâmetro para realçar as conquistas acumuladas nos terrenos da organização jurídica (reformas estatutárias e resoluções) e das condições de funcionamentos (leia-se "sede própria" e recursos financeiros) paulatinamente conquistados.

O progressivo fortalecimento institucional é narrado em obediência à preocupação de celebrar a articulação entre presidentes da AML de destaque e governantes "benfeitores". Com efeito, sobre os ex-presidentes, pontua que Clodoaldo Cardoso teria sido o responsável pelo "processo de revigoração da entidade" (Moraes, 2014, p. 10); Mario Meireles o artífice do auxílio ao "desenvolvimento e consolidação do ensino superior do Maranhão" (Moraes, 2014, p. 10); Lino de Moraes Rêgo o fomentador de um "período de conferências, cursos, concursos literários e sessões comemorativas inesquecíveis". Já os políticos são reverenciados por suas contribuições na condição de "benfeitores da instituição", apresentados ao lado dos decretos e leis por eles estabelecidos, "enviados", "sancionados", que teriam garantido "sede", "subvenções", "convênios", entre outros (Moraes, 2014, p. 11).

A fórmula de homenagem usada, mesclando elogios aos dirigentes da AML e aos "benfeitores políticos", é replicada no balanço do período em que Jomar Moraes esteve à frente da diretoria da entidade. Momento caracterizado como voltado "para o melhor e mais dinâmico funcionamento da Academia", possibilitado "graças à completa reforma do prédio-sede [...] para os quais contribuíram órgãos públicos e empresas privadas, [que] foram ultimados graças à substancial ajuda financeira do Governo federal, à época chefiado pelo acadêmico José Sarney. [...]". A obtenção de "sede condigna" teria viabilizado, por sua vez, "outras iniciativas", que Jomar Moraes arrola para finalizar, de forma auto laudatória, a avaliação dos seus anos de gestão: "É de inteira justiça registrar que no período iniciado em 1984 a Academia passou a ter, nesta cidade e além dela, uma presença expressiva de suas atividades institucionais, graças ao que atingiu relevo que nunca antes alcançara em nossa comunidade" (Moraes, 2014, p. 12-13).

Especificamente sobre os verbetes biográficos, razão principal da publicação, salienta-se que os mesmos são precedidos do número da cadeira; do nome do patrono (com locais e datas de nascimento e morte); o nome do fundador (com locais e datas de nascimento e morte, acompanhados da data de admissão e do discurso de elogio ao patrono); dos nomes dos sucessores do fundador, logo dos antecessores do atual ocupante (com locais e datas de nascimento e morte, acrescidos dos

<sup>15</sup> Ver os trabalhos de Quintella (1984) e Coradini (1998).

responsáveis pela recepção); e finalmente é apresentado o nome do atual membro efetivo e ocupante da cadeira (com data da eleição e da posse, nome do acadêmico que faz o discurso de recepção, endereço, telefone e e-mail).

Ilustrados com as fotografias dos receptivos "confrades", os textos trazem formatos e dados muitos semelhantes. Uma primeira parte informando basicamente local de nascimento, nomes dos pais, percurso escolar (ensino médio e superior), ocupações (incluindo funções políticas de tipos variados e participação mais ou menos profissionalizada em veículos de comunicação). E uma segunda parte dedicada a uma lista de publicações, sendo que, no caso dos livros, são especificadas cidades, editoras e anos das publicações<sup>16</sup>.

Foi possível, pois, realizar tratamento sociográfico desse segmento social, isto é, dos membros da AML em 2014<sup>17</sup>, e, então, apreender a composição social do universo em pauta. Nota-se, em linhas gerais, o efeito da seleção social por meio da observação do contexto de ingresso na instituição, o sexo, a origem geográfica e o percurso escolar dos agentes, bem como a influência do vínculo com os domínios políticos ao enobrecimento intelectual.

No que tange à data de nascimento, tem-se uma concentração de "escritores" nascidos nas décadas de 1930, somando 14 (35%), e 1940, também com 14 (35%) casos. Esse contingente representa quase 3/4 da população. Somente 04 nasceram na década de 1920 e 08 depois de 1950. Portanto, podemos depreender que a maioria deles chegou a idades propícias às inscrições culturais e políticas entre as décadas de 1950 e 1960.

Há dados disponíveis sobre a idade de ingresso dos agentes na AML. Apenas 03 (7,5%) chegaram à AML com entre 20 e 29 anos de idade: o membro mais notório da entidade, o ex-presidente da República José Sarney (empossado com 22 anos); o ex-presidente da AML Jomar Moraes (com 29 anos); e Magson da Silva (com 26 anos), assim apresentado no verbete: "Temperamento retraído e até mesmo esquisito, nunca pertenceu a grupos ou movimento literários, contando-se, entre suas raras amizades de motivação intelectual, o poeta e acadêmico Assis Garrido [poeta, teatrólogo, jornalista, funcionário público nascido em São Luís do Maranhão, membro da Academia Maranhense de Letras e Instituto Cultural Americano-Argentina, autor de vários livros] que muito o distinguiu com sua especial amizade"

(Moraes, 2014, p. 105-106). Nitidamente, a menor reputação social atribuída ao último "acadêmico" (que parece destoar dos demais) é contrabalançada pela "amizade" que o "distingue" (implicitamente explicando a sua presença no "panteão").

Outros 03 (7,5%) agentes chegaram com idade entre 30 e 39 anos. São eles: o ex-deputado Ivan Sarney (irmão de José Sarney); Américo de Azevedo, apresentado em seu verbete como "Descendente de tradicional família maranhense que muito há contribuído para o enriquecimento de nossas letras [e que] embora seja poeta, cronista, romancista e jornalista, gosta mesmo é de ser chamado Homem de Teatro", posteriormente "secretário municipal e estadual de cultura foi [também] diretor de turismo em São Luís e diretor do órgão turístico do nordeste" (Moraes, 2014, p. 79-80); e Waldomiro Viana, que ocupou (com 38 anos) a cadeira 2 da AML (outrora fora ocupada por seu pai, Fernando Viana), tendo exercido em seu itinerário dezenas de cargos administrativos em governos e na UFMA.

No outro extremo, 06 (15%) chegaram com mais de 60 anos e 05 (12,5%) com mais de 70 anos à instituição, premiados, ao que parece, por suas carreiras profissionais, administrativas e políticas de destaque. Exemplos desses percursos são os ex-reitores da UFMA, o médico Natalino Salgado Filho (empossado como 66 anos) e José Maria Cabral Marques (que tomou posse com 72 anos). Apesar das vivências universitárias, eles não ostentavam trabalhos autorais em forma de livros quando chegaram à AML<sup>18</sup>.

Quase metade, 18 (45%) foram empossados com idades que variam entre 50 e 59 anos e 05 (12,5%) entre 40 e 49 anos. Esses compõem o padrão de percurso mais frequente, isto é, de personalidades já testadas política e profissionalmente, também com reconhecimento como "intelectuais locais", que posteriormente agregam esse pertencimento à AML a outros já acumulados em suas trajetórias.

Quanto ao perfil social, cumpre inicialmente registrar que a população é composta predominantemente por homens: 37 (92,5%) contra apenas 03 (7,5%) mulheres<sup>19</sup>. No que toca à origem geográfica, 14 (35%) nasceram em São Luís (capital), 21 (52,5%) em municípios do interior do Maranhão e 05 (12,5%) fora do estado. Apesar da forte presença de "acadêmicos" advindos de cidades pequenas e médias do Maranhão, os percursos escolares apontam para uma forte endogamia social. Dos 24

<sup>16</sup> O livro descreve ainda, em suas páginas finais, os membros correspondentes e os integrantes do Conselho de Decanato (os 10 mais antigos membros da AML), no qual consta Jomar Moraes; lista dos acadêmicos situados entre o 11º e 20º lugares no ranking de antiguidade; e a galeria de presidentes (com período de exercício do cargo), na qual destacam-se pela longevidade o próprio organizador da publicação (aproximadamente 22 anos de presidência).

<sup>17</sup> Nos últimos anos, várias cadeiras tiveram seus ocupantes substituídos. O que exigirá, provavelmente, nova edição dos "Perfis Acadêmicos". Com o falecimento de Jomar, resta a questão sobre quem se incumbirá da função.

<sup>18</sup> Natalino Salgado preparava um livro sobre o médico Tarquínio Lopes, lançado três anos depois da posse, e Cabral Marques tinha uma coletânea de discursos proferidos na sua gestão como reitor.

<sup>19</sup> Para uma reconstituição histórica da baixa presença feminina na AML e as representações que contribuem para essa "ausência", ver Kerly Silva (2009). No momento em que escreveu seu trabalho de dissertação de mestrado, apenas oito mulheres haviam sido eleitas para uma cadeira em toda a história da instituição. De lá para cá, nenhuma nova "acadêmica" aumentou esse número.

perfis que fornecem informação sobre escola de conclusão de ensino médio, 19 deles (79%) obtiveram o título na capital e em colégios públicos e privados frequentados pela "elite local" (Marista, Santa Teresa, São Luiz, Liceu Maranhense e Seminário) e 04 (16,6%) em outros estados em instituições homólogas, ao passo que apenas 01 obteve no interior. Já no que tange à obtenção do título superior, de um total de 34 perfis que fornecem essa informação, 26 deles (76,5%) conquistaram o primeiro diploma na UFMA (ou denominações anteriores) e 08 (23,5%) fora do Maranhão. Como os deslocamentos do interior para capital e da capital para outros centros como parte das estratégias escolares são bastante dispendiosos, apostamos que são particularmente acessíveis a famílias oriundas de extrações sociais privilegiadas.

Conseguimos informação sobre os títulos superiores para 36 casos. Considerando a primeira graduação, 18 (metade) são bacharéis em direito e os demais 18 obtiveram diplomas em medicina, comunicação, engenharia e economia (bem distribuídos), assim como em licenciaturas variadas. Entre eles, 07 fizeram uma segunda graduação, sendo 03 em filosofia e 01 em comunicação, direito, letras e serviço social. Quanto à pós-graduação, 14 fizeram mestrados e 08 doutorados, majoritariamente fora do Maranhão e do país (apenas 01 na UFMA). Novamente, constatamos os esforços dos agentes em munirem-se de títulos distintivos socialmente, por conta dos reconhecimentos que desfrutaram e das exigências em termos de recursos (herdados e adquiridos) que acarretam.

No que se refere à vinculação com o mundo da política, 09 agentes ocuparam cargos eletivos (praticamente ¼ do universo), 28 (quase ¾ do universo) ocuparam vários cargos administrativos em governos estaduais e/ou municipais. Valendo realçar 10 casos (25% do total) que ocuparam cargos de gestão (reitorias, pró-reitorias, direções de centro) em universidades. Informações bastante destacadas em cada biografia, com espaço semelhante àquele dedicado à produção de livros.

É possível observar ainda uma forte *multiposicionalidade*<sup>20</sup> desses agentes atuando simultaneamente em entidades como academias, institutos, associações, conselhos, etc. Entre elas, destacam-se o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (08 casos), outras academias de letras (10 casos) e os órgãos de representação profissional (13 casos).

Finalmente, em números aproximados, verificamos que 17 (42,5%) acadêmicos possuem menos de 05 livros assinados ao longo da vida, 12 (30%) escreveram entre 06 e 10 obras e 11 (27,5%) publicaram acima de 10 títulos. Já a participação contínua e sistemática em jornais consta para mais da metade, 21/40 dos acadêmicos retratados nos *Perfis* (uma das informações particularmente sublinhadas nas biografias).

Embora os dados apontem para a reprodução de um padrão de seleção reiteradamente destacado em análises sobre academias de letras e institutos históricos e geográficos, cumpre pontuar alguns perfis que sinalizam para uma relativa (embora muito tímida) diversificação de origens, investimentos intelectuais, temáticas e linguagens nesse segmento de elite, no Maranhão.

O ocupante da cadeira 37, Joaquim Haickel (empossado em 02/10/2009), é originário de uma família de comerciantes. O lado paterno é formado por descendentes de libaneses que ascenderam econômica e politicamente (o pai foi deputado estadual e federal), porém sem inscrições no domínio cultural. No seu discurso de posse na AML, o acadêmico ativou elementos que tanto o afastam dos membros dessa galeria de notáveis (como as disposições para o comércio e os negócios, ligadas à origem social) quanto o aproximam deles (em virtude da ascensão social do pai e seu pertencimento às mais altas rodas do Maranhão). Joaquim exerceu mandatos na Assembleia Legislativa e foi deputado federal constituinte, além de secretário de estado em vários governos. No início da década de 1980 liderou uma rede de poetas e polemizou, à época, com os ocupantes da AML. Apesar da notoriedade prévia como político e descendentes de "família de políticos", obteve reconhecimento no cenário cultural maranhense por várias publicações (individuais e coletivas), que visavam construir um corte geracional (com linguagens e temas tidos como inovadores) e investiu em novos meios, sobretudo o cinema (que lhe rendeu vários prêmios)<sup>21</sup>.

Já o ocupante da cadeira n. 5, Agostinho Marques Neto (empossado em 13/12/2011), embora seja filho de um juiz de direito e tenha exercido cargos administrativos na UFMA durante a década de 1970, ocupou, durante os anos 1980 e 1990, um lugar de expoente do que passou a ser chamado "movimento do direito crítico" no âmbito acadêmico (concluiu o mestrado e o doutorado, respectivamente no PUC/RJ e na UNICAMP). Com base nos títulos escolares e profissionais e o reconhecimento como militante (sindicalista e assessor de movimentos sociais), auxiliou na implantação de espaços acadêmicos para o proselitismo do "direito alternativo" e escreveu diversos textos sobre o tema, ao mesmo tempo em que militava no sindicato de docentes (APRUMA, sendo inclusive presidente e vice-presidente da entidade). Depois, converteu-se à psicanálise laciana, nos anos 1990<sup>22</sup>.

Por fim, o ocupante da cadeira 23, Luiz Phelippe Andrés (empossado em 23/05/2013), é engenheiro e mestre em desenvolvimento urbano. De origem mineira (filho de um médico e de uma escritora), não tinha vínculo com as "famílias maranhenses tradicionais" quando chegou ao estado. Passou a residir em São

<sup>20</sup> A noção diz respeito à possibilidade que certos agentes detêm de ocupar posições mais ou menos bem alocadas em diferentes instituições – podendo, portanto, transitar entre elas e garantir reconhecimentos variados – graças ao acúmulo de disposições e recursos distintivos. Ver a discussão de Luc Boltanski (1973).

<sup>21</sup> Uma análise detalhada desse caso pode ser encontrada em Reis e Grill (2016).

<sup>22</sup> Para mais detalhes sobre a sua trajetória intelectual, ver Cordeiro Barros (2013).

Luis a partir do final da década de 1970, como funcionário da Companhia Energética do Maranhão-CEMAR. Para a sua afirmação contou o reconhecimento da atuação na área cultural voltada à preservação do patrimônio histórico. Ocupou dezenas de cargos administrativos em governos ligados a essa área de intervenção nas décadas de 1980, 1990 e nos anos 2000. Em 1996 esteve à frente da produção do dossiê enviado à UNESCO para a obtenção do título de Patrimônio Mundial da Humanidade para o centro histórico de São Luís. Fez estágio em Paris. O seu verbete nos *Perfis Acadêmicos* é o único que traz uma lista (destacada em quadro) de pareceres técnicos (aprovados no IPHAN) como parte da sua produção (Moraes, 2014, p. 94). Sua inscrição nos círculos estabelecidos não se deu somente pela ocupação de cargos político-administrativos, via "competência técnica", mas também através de dois casamentos. Sua primeira esposa é museóloga e curadora de bens culturais do Palácio dos Leões (sede do Governo do Estado do Maranhão). E a atual é filha do primeiro cardiologista do Maranhão, que ocupou os cargos de secretário estadual de Saúde do Governo José Sarney, na década de 1960, e de vice-governador do estado na gestão Nunes Freire, nos anos 1970, bem como administrou, por quase 50 anos, a Santa Casa de Misericórdia do Maranhão. É ex-cunhada de José Sarney<sup>23</sup>.

## **“Perfis de cultura popular”: condicionantes e lógicas de construção de um “panteão”**

*Perfis de cultura popular: Mestres, pesquisadores e incentivadores da cultura popular maranhense* é uma coletânea que reúne “personalidades” que já haviam sido homenageadas nos Boletins da Comissão Maranhense de Folclore (CMF) e nos volumes de “Memórias de Velhos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense”. O prefácio do livro, escrito pelo Antropólogo e professor aposentado da UFMA Sérgio Ferretti (em uma página), destaca a continuidade entre esse empreendimento editorial e aquele efetuado na CMF, exaltando o trabalho das organizadoras e o esforço coletivos dos pesquisadores. Segundo ele:

*Os textos foram escritos por vários autores e publicados entre 1993 e 2014, em sua maioria na sessão Perfil Popular, do Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. Os personagens tratados nos textos são mestres, que se destacaram na diferentes áreas da cultura popular [...] ou pesquisadores e incentivadores do folclore maranhense. A organização de textos publicados*

*ao longo de mais de dez anos, foi bastante trabalhosa, demandando muito tempo e trabalho das organizadoras, envolvendo várias atividades e exigindo vários colaboradores (Ferretti e Lima, 2015, p. 13).*

Conforme grifado no texto de Apresentação do livro, assinado pelas organizadoras Mundicarmo Ferretti (antropóloga e professora aposentada da UFMA e da UEMA) e Zelinda Lima (“pesquisadora de cultura popular”, como é classificada no meio), o objetivo é que as “personalidades” nele apresentadas sejam “ainda mais admiradas e tomadas como modelo”, isso “não apenas em reconhecimento de seus méritos e do valor de suas obras como também no desejo de potencializar ainda mais a sua influência e a sua contribuição social” (Ferretti e Lima, 2015, p. 15).

Nesse ímpeto de torná-las admiradas, há um forte apelo de heroização e sacralização, para o qual a vinculação entre as expressões da “cultura popular” e a “religiosidade” conta fortemente<sup>24</sup>. Todavia, mesmo as manifestações “profanas” ou externas à lógica do “sagrado” são absorvidas nas operações que visam promover o (re)encantamento do “popular”.

A capa do livro traz uma colagem de fotos de plantas, rendas, palhas, vela, camarão, violão, entre outros elementos comumente associados às “manifestações” da chamada “cultura popular”. Exatamente aquelas utilizadas, na quarta capa, para justificar a escolha dos “biografados”, quer dizer, por “serem pessoas que se destacaram no Maranhão por seus trabalhos nas áreas do artesanato, bumba-boi, carnaval, culinária, dança folclórica, festas do catolicismo popular, música, rituais afro-brasileiros, teatro, pesquisa ou são conhecidos como grandes incentivadores do folclore”. Percebe-se, desde já, nos trechos pré-textuais até então analisados, o imbricamento entre produção cultural, pesquisa e incentivo.

Com 304 páginas, a coletânea, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão/FAPEMA (cuja logomarca aparece na quarta capa entre a do governo do estado do Maranhão e da Comissão Maranhense de Folclore/CFM<sup>25</sup>), é dividida em temáticas (artesanato, bumba-boi, carnaval, culinária, dança folclórica, festas do catolicismo popular, medicina popular, música, rituais afro-brasileiros, teatro e pesquisadores e incentivadores do folclore) para as quais são distribuídas 68 biografias produzidas por 34 biógrafos. Boa parte deles é componente da CMF, inclusive as organizadoras. Ambas são assinantes de, respectivamente, 07 e 05 verbetes. Sendo que Zelinda aparece como autora da sua própria biografia. O prefácio e 05 capítulos são assinados pelo presidente da CMF, o antropólogo e marido de Mundicarmo, Sérgio Ferretti. O falecido esposo de Zelinda, Carlos Lima (membro titular

<sup>23</sup> Mais dados sobre Andrés e sua localização vis-à-vis outros porta-vozes da cultura no Maranhão, podem ser encontrados em Reis (2014).

<sup>24</sup> Segundo Coradini (1998, p. 212) “o que distingue os agentes sociais considerados como heróis dos meramente dominantes é o fato de que esta posição de herói e aquilo que ela representa em termos de valores culturais representados pela ‘figura’ ou imagem social são consagrados e passam a fazer parte da ordem do sagrado, em oposição ao profano”.

<sup>25</sup> A filiação a essa entidade pode ser verificada também no rol de publicações presente na quarta capa como “Outras obras da Comissão Maranhense de Folclore”.

da CMF) também é biógrafo e biografado. A filha do casal, do mesmo modo, aparece como autora.

A orelha do livro foi assinada por uma doutora em sociologia, professora da Universidade Federal do Ceará, irmã de uma figura central neste universo de relações e posições, Maria Michol Pinho de Carvalho (biógrafa e biografada). No texto em questão, nota-se a dupla valorização de um trabalho de "resgate" (histórico) e de "ensinamento" ou "transmissão" (pedagógico) com a exaltação do "caráter histórico-pedagógico" do livro, que teria conseguido "efetivar uma fecunda aproximação à multiplicidade de saberes de mestres que, no exercício de seu ofício, nos ensinam que a cultura popular é uma criação permanente, que nos pertence como patrimônio e nos interpela a continuar, como exigência do nosso tempo!".

Há entre os participantes do empreendimento pelo menos mais 08 casos de relações de parentesco, ao que é somado o pertencimento – igualmente preponderante e há bastante tempo – ao mesmo círculo de amizade e as inscrições nos mesmos domínios culturais. A esses elos, são acrescentados outros, por exemplo, derivados da conexão dos agentes com a universidade. Mediante laços de orientação, professores renovam adesões de jovens pesquisadores com perfis e engajamentos homólogos na "cultura popular" do estado. E alguns deles encontram disponibilidade de publicar artigos em um veículo como o Boletim da CMF e outros passam efetivamente a compor essa instância. É claro que isso não significa cálculo instrumental, pelo contrário, constatamos a existência de uma matriz de referências comuns que animam relações e inserções sinceras.

Portanto, a publicação em pauta é resultado da dedicação de uma rede de agentes, inscritos em instâncias voltadas à definição/promoção/representação da "cultura popular tradicional, também conhecida como folclore" (Ferretti e Lima, 2015, p. 15). E permite explorar, seguindo as orientações de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2009), a ideia de que os estudos de folclore e cultura popular, no Maranhão, se destacam na agenda de preocupações políticas e acadêmicas, demonstrando que, "além da prática, da memória e da visão dos próprios brincantes que o realizam", a existência, feições e valor que essas expressões assumem são dependentes da "confluência de forças sociais e níveis de cultura distintos" (Cavalcanti, 2009, p. 200).

A pesquisadora fala da interferência desse tipo de estudo na "formação das ciências sociais brasileiras" e do papel do Movimento Folclórico Brasileiro (1947-1964), que agregou uma rede de "intelectuais das elites locais", oriundos de distintos estados da federação, com investimentos na identificação, armazenamento e divulgação de "manifestações folclóricas". Entre eles, o ludovicense Domingos Vieira Filho esteve junto com o carioca Sérgio Ferretti (que, em 1967, casou-se com a maranhense Mundicarmo e passou a residir definitivamente no Maranhão, em 1970) na gênese da institucionalização das ciências sociais no estado.

Cabem, então, algumas considerações prévias e sumárias sobre as condições de emergência dessa configuração.

Com o falecimento de Vieira Filho, na década de 1980, ao Centro de Cultura Popular foi conferido o seu nome e, entre os seus diretores, estiveram Aliete de Sá Marques, Joila Moraes (irmã de Jomar Moraes, focado na seção anterior), Zelinda Lima e Maria Michol Pinho de Carvalho. Ainda na década de 1970, todas elas haviam sido convidadas por Ferretti a compor a Comissão Maranhense de Folclore (criada nacionalmente na década de 1940 e que havia existido no estado somente como uma subcomissão, representada por Domingos Vieira Filho). O objetivo da entidade local seria de "colaborar com o Centro de Cultura Popular", do qual todos faziam parte, e também com outras "entidades culturais interessadas em promover, divulgar e pesquisar o folclore e a cultura popular no Maranhão", como "Secretarias de Cultura, de Educação, de Turismo, com Fundações, Universidades, Academias" (Ferretti, 2006, p. 166). É importante frisar que, a começar por Vieira Filho e Ferretti, essa rede de agentes ocupou cargos administrativos importantes para a retroalimentação de suas relações, dos múltiplos trânsitos desfrutados e da produção de bens culturais. Principalmente sob os governos ligados ao localmente chamado "grupo político dominante", que seria composto por todas aquelas pessoas ligadas à "família Sarney".

Em 1992, a CMF foi reorganizada com a participação daqueles que se notabilizaram como intérpretes da "cultura popular" e do "folclore" no estado: os casais Sergio (presidente) e Mundicarmo Ferretti (cujas notabilidades são fortemente amparadas na titulação escolar e pesquisas acadêmicas); Carlos (vice-presidente) e Zelinda Lima (cujas notabilidades são bastante fundadas no tempo em que se dedicam à produção e à pesquisa "autodidata" do "folclore" ou "cultura popular" do Maranhão). Também Maria Michol Pinho de Carvalho (à época secretária), Joila Moraes e Maria do Socorro Araújo, entre outros. Além de Ferretti, seus principais presidentes foram Carlos Lima, Maria Michol, Roza Santos e Lenir Pereira.

Um dos principais empreendimentos no âmbito da CMF tem sido a produção de boletins, que totalizam 58 números entre 1993 a 2015. Na classificação de assuntos localizada no site da CMF (s.d.), há 22 temáticas privilegiadas nos escritos publicados nos Boletins da CMF. São elas as mais recorrentemente colocadas no centro das definições sobre as quais se ocupam esses agentes dedicados em delinear aquilo que é "próprio" do Maranhão e em delimitar as fronteiras entre cada uma dessas "expressões".

Portanto, são responsáveis pela imposição de percepções (compartilhadas e disputadas) acerca das origens, das aquisições apropriadas, dos "gostos" naturalizados, ritos necessários, das disposições e *hexis* corporais e estéticas, e tudo mais que se traduz naquilo que deve ser conservado como signo "cultural" e "regional".

Outro investimento devotado por essa composição, iniciado na década de 1980, foi a organização de sete volumes, lançados entre 1997 e 2008, com depoimentos que seriam "uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense", cujo título foi declaradamente inspirado no livro de Ecléa Bossi,

*Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (Ferretti, 1996, p. 13). Entre os patrocinadores, encontram-se a CMF e, até o sexto volume, o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho (CCPDVF). Michol de Carvalho aparece como chefe do CCPDVF até a quinta edição, na sexta ela já consta nos créditos do livro tanto como representante do governo na Superintendência de Cultura Popular, como coordenadora da série *Memórias de velhos: depoimentos* e ainda como Presidente da CMF, tendo Mundicarmo como sua vice.

Michol registrou na orelha do volume inaugural que “o essencial é partilhar com os depoentes a experiência dessa narrativa da nossa história, evocando elementos do passado, que se tornam uma fonte de subsídios do presente, pois aquilo que é lembrado serve como fundamento para novas vivências, dentro do constante movimento do nosso cotidiano”. No sexto, Mundicarmo ressaltou a importância dos mais “velhos” como “elo de comunicação com o passado e que, se cada geração conseguir passar às outras um pouco de sua experiência, podemos confiar no futuro”. E, no último, Carlos Lima destacou os “depoimentos preciosos de pessoas” consideradas, “ao mesmo tempo, declarantes e prova dos fatos narrados. Mais ainda: pessoas que, por se acharem integradas no meio cultural, têm autoridade para falar daquilo que não só conhecem, mas praticam”.

É claro que é preciso um estudo mais aprofundado direcionado especificamente a esta coleção (ele está em andamento). A ideia aqui é somente reforçar os princípios e as modalidades de atuação privilegiada por um conjunto de agentes que se encontram em consonância no trabalho de “resgate”, “documentação”, “registro” de personagens e das “tradições culturais” do Maranhão, sobretudo com vistas à sua “preservação e transmissão para as próximas gerações”.

Outro material no qual esses elementos foram observados é no “Perfil Artístico e Cultura do Maranhão”, objeto de reflexão em Reis (2014) – Michol inclusive foi “consultora” responsável pela discussão sobre cultura popular, Zelinda apresentou a culinária “típica” e sua filha, Deborah Baesse, o “artesanato”. Naquele momento foi possível identificar a teia de indivíduos espalhados em domínios da cultura (teatro, música, dança, etc.) e que se concentram em lugares e meios de expressão (“grupos”, instituições governamentais e universitárias, publicações, etc.). A partir deles alimentam, renovam, tecem, redefinem e fixam momentaneamente lealdades, e retiram gratificações materiais e simbólicas dos seus engajamentos.

Nos *Perfis de cultura popular*, a cada capítulo são disponibilizadas notas de rodapé com alguns dados sobre os autores. Comumente são sublinhadas informações como: titulação escolar, vínculo institucional, cargos ocupados, pertencimento à CMF e a classificação como “pesquisador de cultura popular”. Com essas duas últimas etiquetas, são 25 autores. Existem referências à escolarização para 30 agentes: 18 graduados, 06 mestres e 06 doutores. Dos quatro restantes, dois são os fundadores da CMF, Zelinda e Carlos Lima (considerados “autoridades” no assunto), e dois são membros da entidade, sendo uma irmã de Jomar Moraes (e ele também está entre os autores da coletânea).

O livro combina consagração biográfica e temática. São onze categorias, expostas na publicação em ordem alfabética, de “atividades em que mais se destacam” as “personalidades” biografadas. Com o número respectivo de textos produzidos para cada uma delas em parênteses, tem-se: 1º artesanato (2 textos); 2º bumba-boi (13); 3º carnaval (1); 4º culinária (2); 5º dança folclórica, cacuriá e tambor de crioula (4 textos); 6º festas do catolicismo popular (7), sendo sobre o divino espírito santo (3) e sobre os ritos natalinos (4); 7º medicina popular (2); 8º música (4); 9º rituais afro-brasileiros (16); 10º teatro (2); e 11º pesquisadores e incentivadores do folclore (15).

Observa-se, então, que as temáticas referentes ao “bumba-boi”, aos “rituais afro-brasileiros” e aos “pesquisadores e incentivadores do folclore” são, de longe, as que têm o maior número de verbetes. Isso é facilmente explicável por conta dos dois primeiros serem os alvos privilegiados das produções, intervenções e orientações dos dirigentes da CMF, e de ser o último a aposta (trazida desde os Boletins da CMF) no sentido de perenizar aqueles que, além de terem sido “produtores”, também se constituíram como porta-vozes da “cultura popular” – consistentemente por conta das propriedades e recursos socialmente distintivos por eles detidos/acumulados relativamente aos “ícones” celebrados nas outras temáticas.

Todas as biografias são ilustradas com uma fotografia do respectivo personagem em moldura oval, sendo justificado, na apresentação do livro, que a exposição da imagem tem intuito de “facilitar ainda mais a fixação dos homenageados na memória maranhense” (Ferretti e Lima, 2015, p. 16). Depois dos capítulos, há um anexo elencando aqueles e aquelas que foram igualmente homenageado/as em algum dos sete volumes da coleção de livros “Memórias de Velhos”.

Como foi mencionado anteriormente, no total são 68 biografados, sendo que 30 são mulheres (44%). Alguns dos homenageados, mais precisamente 10, foram contemplados com mais de um verbete: 07 homens e 03 mulheres foram descritos em dois ou três textos. Se eles estão mais frequentemente os enaltecidos, elas são mais preponderantemente as enaltecidas. Entre os 34 autores dos perfis, encontram-se 23 mulheres (68%) e, entre os 84 textos produzidos, elas assinam 62 (74%). Como registro, 18 biógrafos assinaram somente uma biografia, 08 assinaram 02 e os demais (08) são autores de 05 ou mais verbetes. Entre esses últimos, há somente 02 homens: Carlos Lima e Sérgio Ferretti, responsáveis por 05 textos cada um.

Pode-se pontuar que as lógicas subjacentes a essa distribuição dos gêneros, no qual há uma maior frequência das mulheres biografando (acumulando, inclusive, vários verbetes) e dos homens sendo biografados, são consoantes àquelas que parecem operar quando cotejamos as características sociais do biógrafo Jomar Moraes com a dos “acadêmicos” biografados. Na primeira seção, ponderamos que parece haver uma relação entre a posição social ocupada e a função de consagrar “vultos” na divisão do trabalho de consagração de agentes atuantes no domínio da “cultura maranhense”.

As informações destacadas nos verbetes permitem uma dupla apreensão: propicia esboçar os perfis sociais e culturais das "personalidades" abrangidas, ao mesmo tempo em que oportuniza detectar quais são as características valorizadas, consideradas distintivas e justificadoras do reconhecimento que deve ser tributado aos agentes. Portanto, os dados que seguem podem ser lidos a partir desses registros.

Inicialmente, sobre o lugar de nascimento, somente 05 (07%) são provenientes de outros estados, também do Nordeste: um do Rio Grande do Norte, dois do Ceará e dois do Pará; 27 (40%) dos biografados são oriundos do interior do Maranhão e 24 (35%) de São Luís. Esta informação não foi localizada para 12 (18%) casos. Mas preponderantemente residem ou residiram em São Luís. Observamos, à semelhança do que foi constatado para os membros da AML, que a migração para a capital é elemento determinante na seleção de porta-vozes/tribunos da cultura. Nesse caso, o dado é ainda mais sintomático do efeito de seleção que as redes, meios e lugares da cultura situadas na capital exercem sobre os aspirantes à condição de porta-voz da identidade regional<sup>26</sup>. Para representar as manifestações culturais, em grande medida desenvolvidas no interior, o reconhecimento no centro político-cultural do estado parece contar decisivamente.

Considerando as décadas do seu nascimento, a distribuição foi a seguinte: 27 (40%) nasceram entre 1920 e 1930; 25 (37%) são de décadas anteriores, isto é, entre o fim do século XIX e 1910; e 11 (16%) nasceram entre 1940 e 1950. Somente para 05 (07%) casos esta informação não foi mencionada no verbete. O exame do perfil etário dos biografados, dos principais responsáveis pelo projeto editorial (os casais Ferretti e Lima) e do conjunto de biógrafos que compõe a coletânea, demonstra como é delineada uma cadeia ascendente dos mais novos (jovens pesquisadores, muitos ex-orientandos e/ou discípulos e/ou descendentes diretos) aos pesquisadores estabelecidos (na universidade e/ou no CMF), socialmente reconhecidos como intérpretes da "cultura popular", e desses aos "notáveis", homenageados como representantes das "expressões culturais". Sendo assim, os intérpretes exerceriam a mediação entre os "velhos" ou "mortos" cuja imagem e memória devem ser preservadas, e os "jovens" incumbidos da celebração do passado e da continuidade do "legado". Limites fluidos que fazem de alguns porta-vozes eles próprios objetos de culto, consoante com suas idades, prestígio, sexo, modalidades de atuação, vinculação a certas expressões culturais, entre outros.

Infelizmente para 44 (65%) casos não encontramos nenhuma referência às ocupações dos pais ou às origens sociais. E, para os 24 (35%) restantes, pode-se atribuir a seguinte classificação/distribuição: 17 (71%) têm origens modestas, 04 (16,5%) são intermediárias e 03 (12,5%) podem ser considerados como

de classe média alta. Observa-se que, tomando os 07 (29%) que somam esses dois últimos, 05 entre eles estão na categoria "pesquisadores e incentivadores do folclore".

Porém, podemos traçar um tanto melhor o perfil social dos agentes com outros dados. No que diz respeito à escolarização, a incidência de informações não encontradas diminui um pouco, mas continua alta: são 39 (57%) casos. Entre os 29 restantes, têm-se: 06 (20,7%) com ensino fundamental incompleto ou completo, 01 (3,4%) com ensino médio incompleto; 04 (13,7%) com ensino médio ou técnico completo; 01 (3,4%) frequentou o seminário menor; para 02 (6,8%) agentes há somente a indicação de que têm "poucos estudos"; e 15 (51,7 %) realizaram o curso superior.

Aqui, é preciso fazer três apontamentos que são reforçados com outras ponderações. O primeiro refere-se ao fato de que entre esses 15 com curso superior (10 homens e 05 mulheres), 11 estão entre os "pesquisadores e incentivadores do folclore". O segundo é que não há referência a casos com ensino superior incompleto; e o terceiro que a probabilidade de relativa escolarização entre os 39 casos para os quais essa informação não foi realçada é baixa, haja vista que titulações deste tipo, quando existem, costumam ser valorizadas em qualquer reconstrução biográfica. Portanto, objetivamente, parece haver uma distância social não negligenciável entre os "vultos" da "cultura popular".

Quanto às atividades profissionais dos agentes, não apuramos nenhuma informação para apenas 18 (26%) casos. Aos 50 demais, classificamos da forma que segue: com atividades manuais/autônomos são 08 (16%); operários de fábrica ou empregados sem exigência de escolarização média são 13 (26%); com atividades que exigem algum tipo de especialização formal são 09 (18%); pequenos empreendedores são 06 (12%); funcionários públicos estaduais são 08 (16%); funcionários públicos em geral são 02 (04%); e professores do ensino superior especificamente são 04 (08%).

Das informações destacadas nos verbetes, contam-se 17 (25%) agentes que ocuparam algum tipo de cargo político administrativo, especialmente em secretarias ou fundações de cultura municipal, estadual ou até nacional. Sendo que entre eles, 11 estão entre os "pesquisadores e incentivadores do folclore". Desses 11, 07 são homens e 04 são mulheres, e 07 têm a formação em Direito (06 dos homens e 01 das mulheres).

Ainda é pertinente correlacionar as três temáticas com maior número de verbetes com o título escolar dos seus respectivos biógrafos. Para os 13 capítulos sobre "personalidades" associadas ao Bumba-boi, 06 são assinados por autores graduados (4 são textos da mesma pessoa), 06 por autores sem referência ao seu título escolar e um doutor. Somente um entre eles não é membro titular da CMF. Para os 16 vinculados aos "rituais afro-brasileiros", 01 autor não tem formação universitária, 08

<sup>26</sup> Esse padrão também foi identificado em dois trabalhos em andamento no LEEPOC sobre membros da Academia Maranhense de Ciências (AMC) e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM). Tal tendência ao deslocamento para capital, como condição para obtenção de títulos escolares (principalmente diplomas universitários), foi, do mesmo modo, verificada em estudo sobre deputados federais eleitos no estado (Grill, 2008).

são assinados por uma mesma graduada, 01 é mestre e 08 tem autoria de doutores (07 são da mesma pessoa). O número excede ao total porque há dois textos para um caso e duas autoras assinando outro. Ressalva-se aqui que a doutora que assina os sete verbetes mencionados sempre dedicou seus estudos especificamente a esta temática (Mundicarmo Ferretti). Dois autores não aparecem como pertencentes à CMF. Já para os 15 "pesquisadores e incentivadores do folclore": 04 textos são assinados por doutores (dois são do mesmo autor), 02 por mestres, 04 por graduados e 06 são de autores que não explicitam títulos escolares, somente aparecem como "pesquisadores de cultura popular" e membros da CMF (aqui, dois autores assinam dois verbetes) e 3 são assinados por uma radialista aposentada (membro titular da CMF). Como referimos, a soma ultrapassa o número de casos porque para dois há dois capítulos de autores diferentes, e há dois autores assinando uma mesma nota biográfica.

Dos conteúdos dos textos emergem outros aspectos relevantes à compreensão dos distintos princípios de consagração em jogo no universo examinado. Certamente a heterogeneidade de autores que os produziram indica que existem condições e registros particulares operando na produção de cada uma dessas narrativas. Mas, para o momento, nossa proposta é evidenciar regularidades que possibilitem apreender condicionantes e lógicas mais gerais de classificação/percepção do mundo social relativamente ao nosso objeto de análise.

Neste sentido, grifamos, num primeiro momento, o corte entre as "personalidades" que foram privilegiadas pelo desempenho de "atividades" específicas consideradas expressões da "cultura popular" ("artesanato", "bumba-boi", "carnaval...") e aquelas que foram destacadas, não por exercer uma ou outra atividade, mas por "pesquisar" ou "incentivar" a "cultura popular". Objeto e sujeito encontram-se sob o mesmo termo de síntese. Porém, é explicitamente diferenciada tanto a relação com a "cultura" como o tipo de "cultura" que representam.

Os primeiros são descritos por seu envolvimento "predeterminado" ou "herdado da família", de qualquer modo, inevitável e, de alguma forma, irrefletido: "desde cedo", "desde criança", "herdou a paixão da avó", "nasceu enquanto um grupo de zabumba dançava...", "aprendeu a curar com a avó", "com 08 anos de idade fez sua primeira composição", "aos 12 anos de idade entrou em transe", "seus poderes mediúnicos afloraram desde cedo", "acompanhava a mãe desde cedo em rituais de mina", etc.

A tais "gêneses" são adicionadas denominações múltiplas que remetem à "religiosidade", "sabedoria", "liderança", "carisma", "lealdade", etc. ou adjetivações como "benfeitor", "guerreiro", etc. Os textos, não raro, são carregados de conotações emotivas, heroizadoras, condescendentes e com a aplicação direta de categorias, termos, nomenclaturas, cujos significados exigem alguma familiaridade no meio específico, na linguagem religiosa, na caracterização de ritos, festas, personagens, etc.

Os segundos são retratados a partir das suas inscrições em diversos e instituídos domínios culturais, como universidades, jornais, academias de letras, institutos de pesquisa (vale ressaltar que a metade deles compõe a Academia Maranhense de Letras e 40% fazem parte também do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão). Notadamente, são ressaltados os cargos de direção e postos políticos administrativos que ocuparam (exercidos por mais de 70% dos personagens dessas biografias). Enquanto aos anteriores são atribuídas virtudes naturalizadas, para estes, a "cultura" e a "política" são vistas como que "imanescentes"<sup>27</sup>, comprovadas com o rol de ocupação de posições de notabilidade, como a participação nos atos de fundação e na administração de instâncias culturais consagradas e consagradoras (como a própria CMF), a publicação de livros (dos produtos culturais, os mais vangloriados). Sendo assim, as marcas de exaltação priorizadas são próprias do delineamento de uma condição de intelectual e condizentes com definições da "cultura" legítima: "erudição", "produção", "pioneirismo", "conhecimento", "vida e obra", "sede de saber", "intelectual", "cultural", "pesquisa", "trabalho", entre outros<sup>28</sup>.

## Considerações finais

Cotejando os dois livros aqui propostos à análise, é possível apontar alguns elementos (comuns e discrepantes) que permitam situá-los em uma dinâmica mais ampla.

Logo nas capas, as publicações trazem indícios das divisões do trabalho de consagração cultural que comportam. Começando pelos títulos que remetem a *Perfis Acadêmicos* e a *Perfis da Cultura Popular*. Não se trata tanto de uma condição social – haja vista a presença de professores universitários entre os últimos e de intérpretes da "cultura popular" entre os primeiros, e ainda que alguns agentes e famílias pertençam às duas instituições –, mas de atribuições diferenciadas (comple-

<sup>27</sup> Embora estejam associados ao "popular", assemelham-se a outros "panteões" de elites que, como salientou Coradini (1998), compartilham uma concepção de cultura particularística e aristocrática, dependente da celebração dos pares eruditos, do pertencimento a redes de interconhecimento e inter-reconhecimento e da ocupação de cargos públicos, promotores de notabilidades.

<sup>28</sup> O caso em tela assemelha-se àquele descrito por Fabiani (2003, p. 365-367), quando analisou a produção da autenticidade na Córsega. Visualiza-se, assim, como a edificação de um panteão alternativo de produtores culturais pode manifestar "os poderes dos estereótipos", e a "lógica de inversão dos estigmas", almejada pela "valorização de formas de expressão desvalorizadas pela cultura dominante", fazer emergir relações ambíguas de um grupo de mediadores culturais com o saber reconhecido, "imitando suas formas de investigação e comunicação, mas contestando sua pretensão à hegemonia". Não raro é acionando a ideia de uma "naturalidade" (reforçando classificações estereotipadas) e o que é exumado, reabilitado, redescoberto parece capturado pela dualidade "tradição x modernidade", esquecendo "a capacidade de formas antigas se adaptarem às novas condições históricas e a novidade radical que a reivindicação de comportamentos tradicionais e autênticos podem constituir".

mentares e concorrentes) na definição da "cultura maranhense"<sup>29</sup>. Seguindo com os elementos que acompanham os títulos. No primeiro caso, logo abaixo do título e da menção de tratar-se da 5ª edição, o trecho "Pesquisa, organização e textos de *Jomar Moraes*" (grifo no original) revela o lugar ambivalente do organizador (ao mesmo tempo administrador e intérprete, como vimos). No segundo caso, o subtítulo é "mestres, pesquisadores e incentivadores", indicando simultaneamente a imbricação (aparente indistinção) e a hierarquização (diferentes modos de apresentação das biografias, como foi possível demonstrar) dos componentes biografados.

A relação entre os títulos dos livros analisados remete a uma divisão hierárquica do trabalho intelectual no Maranhão e das formas de produção cultural ("literatura" versus expressões da "cultura popular"). Ao passo que os complementos dos dois títulos sinalizam para lógicas de seleção social (peso das propriedades sociais) em cada segmento notabilizado.

Jomar Moraes se encarregou do trabalho – por ele adjetivado como "penoso" e "exaustivo", porém necessário para manter a "chama votiva que jamais se apagará" – de atualização dos "vultos" da "tradição cultural" do Maranhão, mais bem posicionados socialmente. Mundicarmo Ferretti e Zelinda Lima (organizadoras) e todos os agentes ativos na confecção da publicação laudatória, contribuem, paradoxalmente, à exaltação do "panteão" da "cultura popular" e ao reforço de princípios dominantes de reprodução e oposições hierarquizantes (como as relações de gênero e as divisões entre "práticos" e "especialistas").

Essas lógicas de classificação podem ser observadas nas prosopografias construídas e analisadas a partir dos dois universos recenseados nos livros, assim como via caracterização dos seus organizadores. Em síntese, na produção publicada pela Academia Maranhense de Letras (AML) há a consagração intelectual de agentes estabelecidos social e politicamente por um "organizador" que não dispõe dos mesmos recursos. E, a partir da iniciativa da Comissão Maranhense do Folclore (CMF) agentes social e culturalmente bem alocados destacam personagens que, de outro modo, poderiam não ser lembrados e valorizados.

De maneira geral, no lugar ocupado como produtores, "ícones" notáveis ou intérpretes, há um peso significativo de vinculações aos domínios políticos e redes de amizades, parentescos e alianças, que envolvem relações afetivas, culturais, políticas, profissionais, entre outras, não excludentes nem exclusivas. E, mais especificamente, a condição de "pesquisador" pressupõe posições e papéis assumidos por determinados agentes na produção de posicionamentos acerca da cultura regional. Em primeiro lugar, esses porta-vozes do Maranhão desempenham as funções de interpretação da "cultura maranhense" e de mediação entre segmentos desigualmente alocados. Posições,

papeis e inscrições – que possibilitam ganhos diversos, principalmente notabilidades – traduzem vivências efetivas, laços dinâmicos, sentidos erguidos no compartilhamento e na disputa pelo reconhecimento de uma "missão" de erguer e de zelar pelas "tradições culturais maranhenses".

Isso se traduz (ou é a tradução), de definições e valorizações ambíguas da "cultura" no e do Maranhão, que combina uma reivindicação constante e amalgamada, de um lado, das suas bases eruditas, expressas nas origens europeias, na "vocação" à literatura, na sobrevalorização da publicação de "obras" de exaltação biográfica, no peso dos títulos escolares, entre outros; e, de outro lado, a persistência, transmitida geracionalmente e comandada justamente pelos portadores de bens intelectuais relativamente raros, no resgate e conservação de expressões culturais, com forte conotação religiosa, que atestaria a "raiz da diversidade cultural do estado". É na interdependência entre sentidos paradoxais e oportunidades desiguais, que o lugar de mediação aparece como imprescindível à possibilidade de ascensão ou visibilidade para alguns, de confirmação de um pertencimento ou consagração para outros. De qualquer modo, ele está na base da edificação da identidade regional, indissociado do trabalho coletivo de produção/seleção da memória (Pollak, 1989), que implica na sua objetivação redutora em "lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel" (Nora, 1993, p. 22).

## Referências

- BOLTANSKI, L. 1973. L'espace positionnel. Multipositionnalité des positions institutionnelles et habitus de classe. *Revue Française de Sociologie*, XIV(1):3-26. <https://doi.org/10.2307/3320321>
- BOURDIEU, P. 1989. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: P. BOURDIEU, *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel, p. 107-132.
- CAVALCANTI, M.L.V. de C. 2009. Por uma antropologia dos estudos de folclore. O caso do Maranhão. In: S. FERRETTI; J.R. RAMALHO (orgs.), *Amazônia. Desenvolvimento, meio ambiente e diversidade sociocultural*. São Luís, EDUFMA, p. 199-220.
- CASTRO FARIA, L. de. 2002. *Oliveira Vianna. De Saquarema à Alameda São Boaventura, 41 – Niterói. O autor, os livros, a obra*. Rio de Janeiro, Relumê Dumará, 143 p.
- CHARLE, C.A. 2006. Prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: F. HEINZ (org.), *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 41-54.
- COLLOVALD, A. 1988. Identité(s) stratégique(s). *Actes de la recherche en sciences sociales*, 73:29-40. <https://doi.org/10.3406/arss.1988.2418>
- COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE (CMF). [s.d.]. Disponível em:

<sup>29</sup> Collovald (1988) mostrou que um mesmo agente é classificado e enquadrado de maneira diferente conforme o anuário biográfico em que é ostentando o seu perfil. O mesmo vale para uma categoria genérica como a "cultura maranhense", que é definida e exaltada a partir de elementos diferentes, de acordo com os critérios que foram mobilizados para selecionar e celebrar determinadas "galerias de notáveis". Em ambos os casos, isso é possível devido à crença (ao mesmo tempo compartilhada e disputada) na constância (sincrônica e diacrônica) do indivíduo ou da coletividade.

- <http://www.cmfolclore.ufma.br>. Acesso em: 09/12/2015.
- CORADINI, O.L. 1998. Panteões, Iconoclastas e as Ciências Sociais. In: L.O. FELIX et al. (orgs.), *Mitos & Heróis: Construção de imaginários*. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 219-240.
- CORDEIRO BARROS, R. dos. 2013. *Uma história sobre o discurso jurídico crítico no Maranhão*. São Luís, EDUFMA, 136 p.
- ELIAS, N. 1999. *Introdução à sociologia*. Lisboa, Edições 70, 202 p.
- FABIANI, J.L. 2003. A Córsega ou as servidões da autenticidade. *Revista Sociologias*, 5(9):354-368.  
<https://doi.org/10.1590/S1517-45222003000100013>
- FERRETTI, M.; LIMA, Z. 2015. *Perfis de Cultura Popular*. São Luís, CMF, 304 p.
- FERRETTI, S.F. 2006. Depoimento. In: M.M.P. de CARVALHO; A.T. MONTENEGRO, *Memória de Velhos: Depoimentos. Uma contribuição à memória oral da culta popular maranhense*. São Luís, Lithograf, vol. VI, p. 95-168.
- FERRETTI, S.F. 1996. Prefácio. In: COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE (org.), *Memória de Velhos: Depoimentos. Uma contribuição à memória oral da culta popular maranhense*. São Luís, Lithograf, vol. I.
- FOUCAULT, M. 2000. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 239 p.
- GARCIA JR., A. 2014. O Brasil como representação: leitura crítica de 'O que se deve ler para conhecer o Brasil', de Nelson Werneck Sodré. In: E.T. dos REIS; I.G. GRILL, *Estudos sobre elites políticas e culturais*. São Luís, Editora da UFMA, p. 29-70.
- GRILL, I.G. 2008. Processos, Condicionantes e Bases Sociais da Especialização Política no Rio Grande do Sul e no Maranhão. *Revista de Sociologia e Política*, 30:65-87.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-44782008000100006>
- GRILL, I.G.; REIS, E.T. dos. 2016. *Elites parlamentares e a dupla arte de representar*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 158 p.
- KERLY SILVA, R. 2009. *Academia Maranhense de Letras: produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses*. São Luís, MA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão, 106 p.
- MORAES, J. 2012. *Perfis Acadêmicos*. 2012. Disponível em: <http://www.academiamaranhense.org.br/blog/perfis-academicos>. Acesso em: 23/03/2016.
- MORAES, J. 2014. *Perfis Acadêmicos*. São Luís, AML, 196 p.
- NORA, P. 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10:7-28.
- POLLAK, M. 2000. *L'expérience concentrationnaire*. Paris, Métailié, 342 p.
- QUINTELLA, M.M.D. 1984. Cultura e poder ou espelho, espelho meu: existe alguém mais culto do que eu? In: S. MICELI (org.), *Estado e Cultura no Brasil*. São Paulo, Difel, p. 113-134.
- REIS, E.T. dos. 2014. O trabalho de construção de um 'perfil cultural e artístico do Maranhão'. In: E.T. dos REIS; I.G. GRILL, *Estudos sobre elites políticas e culturais*. São Luís, EDUFMA, p. 185-223.
- REIS, E.T. dos; GRILL, I.G. 2016. Mirada reflexiva e esforços propositivos às pesquisas sobre elites. In: E.T. dos REIS; I.G. GRILL, *Estudos sobre elites políticas e culturais: reflexões e aplicações não canônicas*. São Luís, EDUFMA, p. 9-48.
- SILVA, F.L. 2013. *Condicionantes sociais, literatura e mediação: um estudo sobre a trajetória de Jomar Moraes*. São Luís, MA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão, 108 p.

Submetido: 09/02/2017

Aceito: 02/06/2017